



## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade  
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

### YOU HAVE TO BE GAY TO KNOW GOD: TENSÕES ENTRE SEXUALIDADE E RELIGIÃO A PARTIR DE UMA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

*Eixo Temático 52 – GÊNERO E SEXUALIDADE EM FOCO: INTERSECCIONALIDADE E DESAFIOS DE POPULAÇÕES MARGINALIZADAS E ESTIGMATIZADAS*

Felype Joseh de Souza Lima Alves e Silva<sup>1</sup>  
Orison Marden Bandeira de Melo Júnior<sup>2</sup>

#### Resumo

Trinta e um países africanos criminalizam a homossexualidade, justificando-a como "pecado" ou considerando o imaginário de "gay e africano" irreconciliáveis. Essa tensão entre religião e diversidade sexual é explorada na literatura queer africana, como em *You Have to be Gay to Know God*, de Siya Khumalo. A autobiografia sul-africana analisa o cenário religioso e político pós-apartheid. Usando a arquitetura de Bakhtin (2010) como método, esse estudo objetiva analisar como a obra representa o conteúdo autobiográfico que aborda o conflito entre homossexualidade e religião. Conclui-se que a tensão é expressa pela memória e reinterpretação de narrativas hegemônicas, com escolhas lexicais que negociam a fé, refletindo sobre a flexibilidade interpretativa do discurso religioso.

**Palavras-chave:** You have to be gay to know god; literatura africana queer, narrativa autobiográfica, homossexualidade, discurso religioso.

#### Introdução

A literatura africana *queer* desponta como promissora de análise acadêmica. Segundo a Human Dignity Trust (2024), 31 países criminalizam a homossexualidade em África. Dentre

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Letras - Inglês da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [felipejoseh0311@gmail.com](mailto:felipejoseh0311@gmail.com);

<sup>2</sup> Professor orientador: Dr. Orison Marden Bandeira de Melo Júnior, Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [orison.junior@ufrn.br](mailto:orison.junior@ufrn.br)



os que não apresentam lei opressiva à comunidade destaca-se a África do Sul. Msibi (2011) expõe que, apesar de postura progressista no que diz respeito aos direitos civis, são crescentes os casos de violência homofóbica, mesmo diante de uma Constituição que explicita a orientação sexual como passível de não discriminação (África do Sul, 1996). Superando o entendimento de África como local homogêneo, diversas realidades coexistem. Fruto do processo de colonização, o cristianismo se consolidou em muitos desses países e gerou tabu sobre questões *queer*. Por imposição colonial, é observado certo padrão de tensionamento das questões LGBTQIA+ em muitos desses territórios, apesar das peculiaridades culturais, legais e étnicas. As justificativas religiosas estão no conceito de pecado, mas há aquelas que entendem o imagético do “homem gay” e do “homem africano” como irreconciliáveis, explica Biswas (2005).

A representação dos conflitos religiosos com a diversidade sexual pode ser lida na literatura *queer* africana e se apresenta como área ainda pouco explorada. Nesse sentido, *You Have to be Gay to Know God* (2018), do autor sul-africano Siya Khumalo, obra autobiográfica, traz relevante ponto de vista sobre o contexto sul-africano moderno. Dentre os tensionamentos, o discurso religioso é aquele que debruça o protagonista na maior parte das reflexões. O gênero, com sua ênfase na relação entre memória e escrita, pode ser valioso para a contemplação do relato uma vez vivido e encaminhar o leitor à ressignificação das experiências de vida que estão em dada subjetividade, sendo ele o “horizonte contemplativo” dos que se propõem a relatar essas vivências, conforme defendem Santos e Torga (2020). Nas autobiografias, pode-se testemunhar ativamente essa relação entre autor e leitor.

Como criação artística, a obra não está localizada apenas na vida autoral, mas numa existência também estética. Essa existência que é estética e ideológica remete ao conceito de arquitetônica, discutido na obra do teórico russo Mikhail Bakhtin (2010). Ao analisar um objeto literário é necessário um método. Esse método deve analisá-lo de forma completa, na sua relação entre si e o outro na constituição de um todo. Nesse sentido, está posto a indivisibilidade da tríade “conteúdo”, “material” e “forma”. Pensar a obra de forma arquitetônica é investigar como os discursos da vida, contrários às questões *queer* em África e os discursos religiosos que os corroboram são representados no mundo axiológico do texto. Apesar de o mundo representado e o mundo que representa não poderem ser confundidos, confusão essa chamada de realismo ingênuo, “eles estão indissolavelmente ligados um ao outro e se encontram em constante interação” (Bakhtin, 2018, p. 231). As obras



## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade



declaradamente autobiográficas e *queer* não são muito difundidas em África, exatamente pelas leis punitivas, reside aí o valor da escuta dessas vozes.

Diante desse cenário, este trabalho tem o objetivo de analisar a construção da obra citada, verificando como o conteúdo, revisitado da vida autoral e que aborda a tensão entre homossexualidade e religião, ganha forma por meio da linguagem. Em meio a cenário político desfavorável para muitas dessas pessoas, esse trabalho também busca divulgar a obra, apontando a relevância na promoção de uma sociedade mais empática, acolhedora e reflexiva sobre a vivência alheia, projetando a literatura como força humanizadora e nobre, que exprime o homem e depois atua na própria formação dos sujeitos (Candido, 2002).

### Metodologia

O presente trabalho se trata de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo que selecionará excertos do texto autobiográfico identificando discursos que tensionam religião e homossexualidade para, em seguida, analisar como são representados através da linguagem orquestrada. A obra em análise é *You Have to be Gay to Know God*, de Siya Khumalo, lançada no ano de 2018 pela editora Kwela Books. Construída em prólogo, três partes distribuídas em dezoito capítulos, e epílogo, ela reflete sobre a vida de um personagem do sexo masculino, gay, negro, inserido no contexto sul-africano moderno, fazendo leitura social do clima religioso e político do país por meio de atravessamentos de sua vida em recortes temporais. A análise também contempla a bibliografia prévia existente sobre os estudos africanos *queer*, relacionando temáticas em comum que expressam aspectos do discurso religioso no continente.

### Resultados e Discussões

O tensionamento entre homossexualidade e religião já se revela no título da obra, que provoca ruptura de expectativa ao combinar *Gay* e *God*, palavras que parecem dissidir, mas que ao longo da trama é proposta uma convergência. O discurso religioso cristão se manifesta socialmente através de um mecanismo autoritário. A relação dialógica entre o locutor e o interlocutor é restrita ao ponto de ser observado um quase apagamento do “tu”. Não há troca no processo, pois quem fala sempre é a voz de Deus por meio de seus representantes retóricos (padres, pastores, sacerdotes etc.), diferenciando-o de outros tipos de discurso em que há possibilidade de alteridade, explica Torresan (2007). Torresan (2007, p. 97) ainda sugere que



## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade



a ideologia do discurso cristão é sustentada “nas oposições: plano espiritual *versus* plano mortal; salvação *versus* castigo; fé *versus* pecado.”

Nesse sentido, o personagem construído autobiograficamente, manifesta seus conflitos internos originados na consequência da unilateralidade do discurso. No trecho “Eu não acredito que Siya se diz cristão, mas escolhe esse estilo de vida” (Khumalo, 2018, p. 24, tradução nossa), o autor expressa o discurso em que foi submetido durante a adolescência, que implica a existência de um estilo de vida cristão próprio, regulado pelos dogmas. A escolha lexical que pressupõe um “estilo de vida” indica a sinalização da homossexualidade como prática ao invés de um conceito que reside na subjetividade do ser.

O autor reflete sobre o dilema de exercer plenamente seu afeto e sexualidade, ao mesmo tempo que considera o ponto de vista marcado pela oposição da religião em: “Por um lado, homossexualidade é pecado de acordo com a palavra do Deus que eu digo que amo, por outro lado, eu amo Daniel e estou em um relacionamento sexual com ele” (Khumalo, 2018, p. 133, tradução nossa). Em seguida utiliza-se de figuras de linguagem para atribuir nomenclaturas a subjetividades complexas, tais quais: “Pessoa de Jesus”, alguém que vive conforme a doutrina, ou “minha teologia” que aponta a doutrina individual, situadas na passagem: “Toda vez que eu gostava de um garoto do jeito que eu gostei de Daniel, minha teologia me dizia que eu necessitava da morte dessa Pessoa de Jesus que eu havia tornado parte de mim” (Khumalo, 2018, p. 134, tradução nossa). Existe também discurso que o tensiona com o próprio sentimento de fé, como em:

“Eu também queria dizer que a Fé nasceu de uma vez mas o trabalho durou anos; ao mesmo tempo, Fé já estava viva, crescendo e perguntando coisas difíceis sobre onde o Pai dela estava. Eu neguei que a conhecia. Eu chamei ela de um erro [...] assim como minha sexualidade foi dita uma aberração. O estéril, o infértil e eunuco que não reproduz, então como a Fé poderia ser minha?” (Khumalo, 2018, p. 31, tradução nossa)

O excerto surge em determinado momento em que o personagem manifesta dúvidas precoces quanto à existência de Deus. Há tensão manifestada em vocabulário através das palavras aberração, estéril, infértil e eunuco, que possuem peso ideológico embutido e reforçam violência homofóbica em um discurso autoflagelado.

A inabilidade no rompimento com a fé também está presente, expressa em excerto onde o autor declara: “Eu esperava que ela morresse debaixo da avalanche de livros e redações que eu a bombardeei. Mas a pirralha sobreviveu, sustentada por lágrimas quentes e intermináveis” (Khumalo, 2018, p. 32, tradução nossa).

Em consonância com o que Van Klinken (2018) identificou na produção literária do Quênia e Robertson (2020) nas vivências do sul da África, a obra também retrata diferentes

## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Direitos e Sustentabilidade

possibilidades de negociações de gênero, práticas sustentabilizadas, experiências em templos, comunidades religiosas alternativas e relações íntimas com Deus que rompem com uma lógica tradicional. O autor menciona o que intitula “legalismo religioso” observado em sua vivência e questiona:

No fim das contas, legalismo religioso só vai afastar as pessoas para longe da luz de Deus ao invés de irem na direção dela. A luta espiritual não pode ser superficial do jeito que a maioria das igrejas prega. Nós só vamos naufragar a nossa fé se levamos em conta tudo que a religião diz literalmente. ‘Mas como escolher que partes da Bíblia seguir? Eu perguntei’ (Khumalo, 2018, p. 61, tradução nossa).

A proposição não hegemônica de textos bíblicos está na obra e questiona discursos das igrejas locais. O apelo a argumentos sem provas para o julgamento de pessoas homossexuais, baseados em análises de escrituras que podem divergir no campo interpretativo de cada indivíduo também aparece:

“A razão pela qual Romanos 1 não pode ser lido literalmente condenando gays e lésbicas do jeito que os Cristãos fazem, é que o autor está fazendo exatamente o que eu venho fazendo durante todo esse livro: mostrando diferentes perspectivas retóricas, adotando a voz, inclusive, das pessoas em que eu não concordo” (Khumalo, 2018, p. 253, tradução nossa).

Ainda discutindo o discurso bíblico, o autor aborda as traduções as quais o texto foi submetido ao longo do tempo. Usando o versículo em Coríntios 6:9 como exemplo, Khumalo (2018) explora a tradução bíblica conhecida como *The New International Version* e propõe discutir que, passagens como a escrita sobre “homens que fazem sexo com homens não herdarão o reino do Céu” não corresponde exatamente ao que está traduzido e difundido hoje sobre homossexualidade, algo anacrônico, que diz respeito a um conceito modificado ao longo do tempo. Melo Júnior e Pinheiro (2022, p. 143) observaram esse fenômeno em outros contos queer africanos e descrevem como “teologização da homofobia”. Materializar um tema que, à primeira vista, está situado na teologia e atribuí-lo valor estético é um trunfo autoral. A obra possui análises de cunho histórico, etimológico e linguístico do texto bíblico.

Conforme Santos e Torga (2020, p. 142) “pensar em como aquele que uma vez vivenciou o acontecimento relatado olha agora para este momento e dialoga consigo mesmo naquele contexto narrado” possibilita a identificação do leitor, que habita a esfera da vida, e se interessa pelos aspectos da narrativa, sejam eles o próprio autor, a trama ou o conteúdo em si, dado a existência de violência homofóbica apoiada nos discursos religiosos em outras partes do mundo. Questões de raça, ainda tão relevantes, dividem cena com histórias de luta e superação da comunidade *queer*. Apesar do pioneirismo constitucional nos direitos civis, incluindo o direito ao casamento civil, exclusividade no contexto africano, forças reacionárias religiosas e políticas marcam território. Ser gay para conhecer Deus aparenta um



posicionamento que reside à margem da narrativa hegemônica ofertada pela heteronormatividade, sendo assim, negocia intimidade com a fé. O epílogo conclui a obra com relato comovente sobre seu local de fala como escritor e a modificação do objetivo original da prosa, que nasceu carta de suicídio e evoluiu para um livro.

### Considerações Finais

A análise aponta a relevância da obra de Khumalo para os estudos em literatura e culturais. As tensões evidenciam a batalha travada entre a religião e a sexualidade. A autobiografia como gênero faz parte do projeto estético que busca, através dos relatos íntimos, empatia e compreensão sobre as consequências dessa batalha. O fenômeno da “teologização da homofobia” parece ser uma característica das narrativas *queer* africanas ao traçar paralelos entre o texto analisado e obras de países que compartilham semelhanças na colonização. Khumalo escolhe a reinterpretação de discursos hegemônicas como estratégia de linguagem na união das esferas do conteúdo, material e forma. Reflete sobre a flexibilidade intencionada dos enunciados e como sua fé foi modificada. Entendendo a literatura como forma de resistência de grupos inseridos em contextos opressores, sugere-se o estudo de outras obras *queer* produzidas em África, objetivando a promoção dessas narrativas na sociedade como um todo.

### Referências

ÁFRICA DO SUL. **Constitution of the Republic of South Africa, 1996**. Disponível em: <https://www.gov.za/documents/constitution-republic-south-africa-1996>. Acesso em: 6 ago. 2024.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 13-57.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.

BISWAS, A. Queering the racial other: Towards a queer Africa. **New Literaria**, v. 04, n. 01, p. 114–125, 2023.

CANDIDO, A. A literatura e a Formação do Homem. In: **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002. p. 77-92.



## IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade

V Mapa de Onda da Sexualidade Criminalise LGBT People.

HUMAN DIGNITY TRUST. [Disponível em: https://www.humandignitytrust.org/lgbt-the-law/map-of-criminalisation/](https://www.humandignitytrust.org/lgbt-the-law/map-of-criminalisation/). Acesso em: 6 jun. 2024.



KHUMALO, S. **You have to be gay to know God**. Cape Town: Kwela Books, 2018.

MELO JÚNIOR, Orison Marden Bandeira de. Arquetetônica. In: PEREIRA, Sônia Virginia Martins; RODRIGUES, Siane Gois Cavalcanti (org.). **Diálogos em verbetes: noções e conceitos da teoria dialógica da linguagem**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 23-25.

MELO JÚNIOR, Orison Marden Bandeira de; PINHEIRO, Vanessa Neves Riambau. 'Queer Africa': a literatura como arte de resistência. **Revista Letras Raras**. Campina Grande, v. 11, n. 4, p. 135-159, dez. 2022.

MSIBI, Th. The Lies We Have Been Told: On (Homo)Sexuality in Africa. **Africa Today**, v. 58, n. 1, p. 54-77, 2011. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/454290>. Acesso em: 5 jun. 2024.

ROBERTSON, M. Queer studies and religion in Southern Africa: The production of queer Christian subjects. **Religion Compass**, v. 15, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/rec3.12385>. Acesso em: 7 jun. 2024. DOI: 10.1111/rec3.12385.

SANTOS, Y. A. B.; TORGA, V. L. M. Autobiografia e (res)significação. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 15, n. 2, p. 119-144, abr. 2020.

TORRESAN, J. L. A manipulação no discurso religioso. **Dialogia**, São Paulo, v. 6, p. 95-105, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/dialogia.v6i0.1109>. Acesso em: 7 jun. 2024. DOI: 10.5585/dialogia.v6i0.1109.

VAN KLINKEN, A. Autobiographical storytelling and African narrative queer theology. **Exchange**, v. 47, n. 3, p. 211-229, 2018.